



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



Vol. 8 – Nº 18 - Julho - Dezembro 2013
Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO E
APRENDIZAGEM**

Autora:

Raquel Reginatto¹

¹ Pedagoga formada pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Rua Victor de Moraes Branco, 107. Bairro Gentil, CEP 95300-000 – Lagoa Vermelha – RS.
raquelreginato@hotmail.com

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Resumo: Através de um ato de afeto pode-se conseguir cativar uma pessoa e assim ter espaço para contribuir com o seu desenvolvimento. Pais e professores precisam ter consciência da importância que a afetividade tem na vida de uma criança. O presente artigo tem como objetivo conscientizar a família e a escola que o afeto ajuda a aumentar a autoestima e gera laços importantes para uma convivência harmoniosa e um bom desenvolvimento. Muitas vezes, problemas de ordem educacional ou emocional podem ser solucionados com atos afetuosos, com atenção e compreensão. É cada vez mais comum encontrar-mos casos de crianças abandonadas emocionalmente pelos pais, são famílias que não se preocupam com o seu bem-estar e não incentivam o seu desenvolvimento. Outras vezes, professores, que tem em suas mãos o poder de educar, esquecem que o amor é fundamental nesse processo.

Palavras-chave: escola, afetividade, aprendizagem, desenvolvimento.

Abstract: Through an action of affection can be gotten to capture a person and like this to have space to contribute with her development. Parents and teachers need to have conscience of the importance that the affectivity has in a child's life. This article has as objective becomes aware the family and the school that the affection help to increase the self-esteem and it generates important bows for a harmonious coexistence and a good development. Many times, problems of education or emotional order can be solved with affectionate actions, with attention and understanding. It is common we find cases of abandoned emotionally children by the parents, these families don't worry about their well-being and they don't motivate their development. Other times, teachers, that have in their hands the power to educate, forget that the love is necessary in this process.

Key-words: school, affectivity, learning, development.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos dias atuais pode-se perceber que a afetividade está sendo esquecida, e que poucas vezes faz parte do cotidiano escolar. Não é difícil se deparar com problemas de indisciplina, atitudes agressivas em sala de aula e alunos que tem dificuldade para se concentrar e aprender, mas muitos destes alunos trazem consigo um histórico familiar difícil. Os pais, em muitos casos não têm tempo e vontade de transmitir para os jovens a importância das relações humanas, do afeto e do amor.

Por trás de um aluno rebelde e agressivo, que tem dificuldades para participar do processo de ensino aprendizagem há, na maioria dos casos, uma família desestruturada ou despreocupada com a sua educação, afinal, o afeto é a base para que uma criança desenvolva sentimentos como o amor, a compreensão e a solidariedade, que são essenciais para uma boa convivência no grupo.

É através da afetividade que nos identificamos e nos relacionamos com outras pessoas. Por isso, uma criança carente de afeição tende a encontrar dificuldades para se entrosar e se relacionar com as demais, o que acaba impedindo-a de participar adequadamente do processo de ensino aprendizagem.

É muito importante que o professor tenha consciência da responsabilidade de contribuir para a construção da personalidade de uma criança. Por isso, precisa estar atento à realidade de cada aluno, levando em consideração seu ambiente familiar e seu lado emocional. Quando um professor desconsidera a importância do afeto, está contribuindo para formar um indivíduo indiferente. Professor e aluno precisam estabelecer uma relação de amizade, respeito e confiança, e para isso, a afetividade é fundamental.

No entanto, muitos professores desconsideram a bagagem emocional de seus alunos e procuram se manter alheios a esse problema que é tão presente em sala de aula. A escola, que é o lugar onde muitas crianças anseiam encontrar o carinho e a atenção que não recebem em casa, muitas vezes acaba se tornando um ambiente frio e pouco interessante.

Aí está a importância do papel do verdadeiro educador, que precisa transformar a escola em um lugar acolhedor e amigável, prezando sempre o bem estar dos alunos. Educar com amor pode transformar a realidade de muitas crianças, que quando tem suas carências afetivas supridas, sentem-se valorizadas e respeitadas, e passam a se desenvolver e a participar do processo de ensino aprendizagem com muito mais dedicação.

2 O DESENVOLVIMENTO E A AFETIVIDADE

Através de algumas teorias relacionadas ao desenvolvimento cognitivo e afetivo pode-se perceber que a psicologia tem influência na educação, e através dela busca-se solucionar e compreender alguns problemas educativos.

Para se falar sobre a importância da afetividade e compreender qual é a sua relação com o desenvolvimento de uma criança pode-se fazer um breve apanhado sobre as teorias do desenvolvimento de Piaget, Vygotsky e Wallon.

A teoria de Piaget reconhece a afetividade como motivação para a atividade cognitiva e enfatiza que a afetividade e a razão são termos que se complementam. Taille explica que, para Piaget, “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a Razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações” (1992, p.66).

Para TAILLE, na teoria piagetiana

não assistimos a uma luta entre afetividade e moral [...] Pelo contrário, nas suas análises, vemos afeto e moral se conjugarem em harmonia: o sujeito autônomo não é um "reprimido", mas sim um homem livre, pois livremente convencido de que o respeito mútuo é bom e legítimo. Tal liberdade lhe vem de sua Razão, e sua afetividade "adere" espontaneamente a seus ditames (1992, p.70).

Na teoria de Vygotsky temos uma abordagem globalizante, onde o mesmo explica a relação entre o afeto e intelecto e, questiona a divisão entre o cognitivo e afetivo do psicológico. Para ele, não há como separar os interesses afetivos dos aspectos intelectuais. Oliveira afirma que:

Vygotsky menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva (1992, p.76).

A teoria de Wallon está centrada na afetividade. Uma das grandes contribuições de sua teoria para o desenvolvimento humano é levar em consideração as emoções. Para ele as emoções são essenciais para a sobrevivência humana, já que desde os primeiros anos de vida, um indivíduo as utiliza para comunicar suas necessidades.

Dantas afirma que, para Wallon, é através da atividade emocional que se

realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela lhe dá origem (1992, p.85).

Galvão, a partir dos pressupostos teóricos de Wallon, explica que no cotidiano escolar “quanto maior a clareza que o professor tiver dos fatores que provocam os conflitos, mais

possibilidade terá de controlar a manifestação de suas reações emocionais e, em conseqüência encontrar caminhos para solucioná-los” (1998, p.113).

Então, na relação entre professor e aluno, segundo a teoria de Wallon, falar de afetividade no ato educacional é falar de como lidar com as suas emoções.

3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DO AFETO

Segundo Cegalla, afetividade significa “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado” (2005, p. 36).

A afetividade está diretamente ligada às emoções, por isso pode determinar a maneira como as pessoas vêm as situações e como se manifestam a seu respeito. Desde a infância, a autoestima é alicerçada pela afetividade, pois uma criança que recebe afeto se desenvolve com muito mais segurança e determinação.

A base para a construção da personalidade de um indivíduo está na família. É nela que se busca encontrar referências, carinho e proteção. Segundo Chalita, “A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família” (2004, p.21).

Nada pode suprir ou substituir o amor e a atenção familiar. O vínculo afetivo é muito mais intenso do que em outros casos. Um indivíduo pode até encontrar alternativas que amenizam a carência provocada pela ausência de uma família, mas certamente não a substituirá.

Mas, não se pode esquecer que atualmente, muitas famílias estão desestruturadas, que muitos pais esquecem sua responsabilidade em dar amor e educar os filhos que geraram. Uma criança precisa estar cercada de amor, proteção e cuidados para que possa crescer e se desenvolver de maneira saudável.

Tiba (2002) cita de que atualmente as crianças tendem a ir para a escola cada vez mais cedo, devido ao fato de seus pais trabalharem fora, e essa inserção precoce na sociedade acaba fazendo com que a criança confunda os limites entre a família e a escola. Tiba cita ainda que “A educação com vistas à formação do caráter, da auto-estima e da personalidade da criança ainda é, na maior parte, responsabilidade dos pais” (2002, p.180).

Embora o papel da escola seja importante na formação de um indivíduo, a família tem que andar junto com a escola, procurar acompanhar todos os processos pelos quais seus filhos venham a passar, prestar mais atenção às suas necessidades e dificuldades. É nos pais que as crianças buscam segurança e refúgio.

Chalita fala sobre a essencialidade da família para que uma criança ganhe confiança e possa se sentir valorizada e assistida. Mas, cita ainda:

Do outro lado, há o grupo imenso que não dispõe desses cuidados todos. São os chamados excluídos. Que triste é essa constatação: um mundo de incluídos e de excluídos. Alguns são criados como em uma redoma de vidro, separados de tudo que possa vir a contaminá-los, e outros, a grande maioria, são lançados à própria sorte (2004, p.26).

Diante disso, a responsabilidade que seria da família, muitas vezes é deixada a cargo da escola. Alguns pais acabam esquecendo da importância do afeto e da atenção, e acreditam que a escola educará seus filhos sozinha. Acerca da importância da atenção dos pais para com os filhos, Tiba enfatiza que: “Quando a criança sabe que poderá contar tudo aos pais sente-se mais forte e participativa. Depois eles não devem deixar de ouvir o que ela quer contar. É a maneira de estar presentes mesmo ausentes” (2002, p.185).

Pais e escola precisam caminhar juntos, pois segundo Tiba “A escola sozinha não é responsável pela formação da personalidade, mas tem papel complementar ao da família” (2002, p.181).

Muitas vezes os jovens acabam seguindo o caminho das drogas e do crime por falta de orientação e atenção dos seus pais. É preciso que se estabeleçam parâmetros, limites, pois é na família que o indivíduo vai buscar esse tipo de informação. Se esta não estiver disposta a atendê-lo, certamente outros estarão, mas talvez não sejam tão bem intencionados.

Tiba nos remete a essa realidade ao mencionar que: “A chance de um jovem entrar em contato com as drogas é muito grande. A melhor prevenção é dar formação ao filho para que tenha a força de enfrentar as mais diversas situações ao longo de sua vida” (2002, p.260).

É importante que pais assumam seus papéis de educadores e sejam participantes ativos na construção da personalidade de seus filhos, sabendo dar limites, dizer não quando necessário e corrigindo se for preciso, mas sem esquecer que o amor é a base de tudo. Cury diz que “Abraçar, beijar e falar espontaneamente com os filhos cultiva a afetividade, rompe os laços da solidão. [...] O toque e o diálogo são mágicos, criam uma esfera de solidariedade, enriquecem a emoção e resgatam o sentido da vida” (2003, p.45).

Mas qual seria a receita para a família ideal? Cury destaca que, “A família dos meus sonhos não é perfeita. Não tem pais infalíveis, nem filhos que não causam frustrações. É aquela em que pais e filhos têm coragem de dizer um para o outro: ‘Eu te amo’, ‘Eu exagerei’, ‘Desculpem-me’, ‘Vocês são importantes para mim’ (2003, p. 155).

Os pais precisam incessantemente demonstrar aos filhos que são importantes através de atos de carinho e amor. Um gesto de amor vindo dos pais é um grande estímulo para que os filhos se sintam seguros e felizes. Tiba cita que “Os pais podem dar alegria, conforto, satisfação e roupas da moda para os filhos, mas não podem lhes dar felicidade. O que os pais podem fazer é alimentar a auto-estima dos filhos, que é a base da felicidade” (2002, p.275).

Vale lembrar que a autoestima é fundamental para que um indivíduo se realize pessoal e profissionalmente e, esta se reforça a cada ato de afeto vivenciado.

4 O AFETO NA ESCOLA

O ambiente escolar, onde as crianças passam grande parte dos dias, deve ser acolhedor e transmitir aos alunos a sensação de que ali é a sua segunda casa, pois muitas são excluídas, buscam sanar suas carências na escola, e pretendem encontrar as referências e exemplos que não encontram em casa no seu professor.

O médico, filósofo e psicólogo francês Henri Wallon foi o primeiro a sugerir que se levasse para a sala de aula a criança e a suas emoções (Nova Escola, 2009). Para ele, as emoções têm um papel muito importante no desenvolvimento de uma pessoa.

No entanto, Galvão traz uma diferenciação entre afetividade e emoção:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações (1998, p.61).

A partir disso, podemos compreender que o lado afetivo de um indivíduo não se resume apenas às suas emoções. Estas são apenas uma consequência da afetividade.

Galvão cita o fato de que as emoções causam efeitos em quem as recebe e exemplifica:

Imaginemos que, por um motivo qualquer, alguém chega ao trabalho contente e dando risadas à toa. A pessoa entra na sala de reuniões e depara-se com um clima tenso, as pessoas brigando e muito irritadas. Desse confronto de emoções, dois resultados são possíveis. Ou a pessoa alegre é contagiada pela tensão do ambiente e pára de rir ou, ao contrário, contagia o grupo com sua alegria (1998, p.64).

Assim é também na sala de aula. Se o aluno encontrar um professor tenso, impaciente e grosseiro, fica difícil reagir com afeto e dedicação, pois acaba se contagiando pelo clima pesado do ambiente. Do contrário, se encontrar um professor alegre, esperando ansioso pela sua chegada, lhe desejando boas-vindas, paciente e disposto a ajudá-lo, certamente tentará fazer o mesmo para agradá-lo.

Considerando a importância das emoções, é essencial fortalecer a afetividade na relação entre professor e aluno para que esse vínculo possa estimular a melhora da autoestima. Se tiverem um laço de amizade, ambos se sentirão mais seguros e a convivência em sala de aula será muito mais agradável. Além disso, o aprendizado passa então a ganhar espaço para acontecer naturalmente.

Se a autoestima, que é fruto de incentivos e atitudes afetuosas estiver baixa, a tristeza e as preocupações passam a tomar o espaço e a atenção que seria disponibilizada para a aprendizagem. Aí surgem os problemas e conflitos em sala de aula.

O professor não tem o poder de apagar os problemas que os alunos encontram em casa, mas com certeza consegue preencher grandes vazios emocionais causados pelo abandono e a indiferença de algumas famílias. Cury diz que “Ser educador é ser promotor de auto-estima” (2003, p. 145), e esta é uma grande responsabilidade.

Os educadores precisam compreender que encontram todos os dias vários olhinhos à procura de um fio de esperança, de um motivo para resgatar a alegria pela vida e pelo aprendizado, e às vezes acabam deixando de fazer simples gestos que poderiam ser de grande valia para quem tem tão pouco em termos afetivos.

Ser promotor de afetividade é incentivar, apoiar, aconselhar. Pequenas atitudes podem fazer a diferença para aquela criança que chega à escola totalmente desmotivada e desanimada, sem vontade de se abrir para novas oportunidades de aprendizado. Se, ao invés de criticá-la pela sua postura diferenciada em relação aos demais membros da turma, o professor elogiar seus aspectos positivos, já estará fazendo um grande bem. Talvez este possa ser o único local onde a criança poderá ter suas qualidades reconhecidas. Cury enfatiza que “O elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a auto-estima. Elogiar é encorajar e

realçar as características positivas. Há pais e professores que nunca elogiaram seus filhos e alunos” (2003, p. 143).

Vale lembrar que o fator econômico não influencia na questão afetiva. Muitas crianças de famílias com boa condição financeira são deixadas de lado, esquecidas em meio a tantos presentes e entretenimentos que os pais julgam os fazer felizes. Afeto não se compra, se demonstra, se sente. A felicidade momentânea causada por um belo presente acaba assim que este perde a graça, a utilidade. Nenhum bem material consegue substituir o afeto.

Muito se discute e questiona sobre a tecnologia, que muitas vezes acaba roubando o espaço da educação. São muitas as crianças que sabem operar um computador, mas não sabem ter atitudes de respeito, gratidão; que passam horas “batendo papo” através das ferramentas de comunicação da internet, mas não sabem conversar com seus colegas de classe e professores. São os “filhos da tecnologia”, que passam mais tempo com aparelhos eletrônicos como o computador e o vídeo game do que com seus pais. E a educação e o afeto onde ficam?

Aí podem-se citar os murmúrios sobre a hipótese dos professores um dia se tornarem desnecessários, serem substituídos pelas máquinas. Isto certamente não acontecerá, pois professores, assim como os pais, têm um papel tão importante na vida afetiva dos alunos que máquina nenhuma conseguiria suprir. Chalita enfatiza que “A máquina reflete e não é capaz de dar afeto, de passar emoção, de vibrar com a conquista de cada aluno. Isso é um privilégio humano” (2004, p. 161).

É preciso então que tenhamos em sala de aula professores apaixonados pelo que fazem, que não medem esforços para alcançar os verdadeiros objetivos de um educador, e que estejam dispostos a fazer a diferença em uma época em que a maioria das pessoas preferem a indiferença. Alves traz o questionamento: “Educadores onde estarão? [...] Professores há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança” (1993, p.11).

Essa esperança deve nortear o trabalho do educador, que tem em suas mãos a capacidade de fazer uma criança feliz. Tiba (2002) destaca a importância de uma criança sentir-se amada, pois o amor transforma-se em autoestima que vai acompanhando o seu crescimento e alimentando-se de suas realizações.

Uma pequena conquista reconhecida pelo professor pode significar muito na vida de um aluno que não tem nenhum tipo de reconhecimento por parte da família. Isso contribui para que ele se sinta importante e útil na sociedade.

Por trás de um aluno com problemas, há na maioria dos casos uma grande carência emocional, que precisa ser investigada e compreendida pelo professor. Crianças que não têm uma boa estrutura familiar e uma convivência alicerçada no afeto, carinho e amor, não conseguem demonstrar esses sentimentos para com os demais membros da sociedade.

Ao se deparar com colegas que possuem realidades diferentes, essa criança acaba se sentindo diminuída, e sua autoestima que já é baixa, cai ainda mais. Alguns sentem a necessidade de mostrar a todos a sua presença e acabam se tornando alunos tidos como “problemáticos” por não ter disciplina. Outros acabam se fechando e se excluindo do grupo. Em ambos os casos a aprendizagem fica comprometida, porque ao se agitar com o intuito de chamar atenção, o aluno acaba se desligando da aula e do real motivo que o levou até a escola ou, ao se fechar, acaba criando uma espécie de bloqueio que não o permite se concentrar na aula e ter uma aprendizagem efetiva.

Daí vem a importância do professor investigar e saber com que tipo de público está trabalhando, e tentar se informar acerca da realidade dos seus alunos. Segundo Chalita, “Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado” (2004, p.162).

Colocar amor no que se faz é essencial em qualquer profissão. Professores ajudam a formar cidadãos e a preparar para a vida e por isso precisam transmitir amor e afeto para que seus alunos possam espalhar os frutos desse aprendizado. Chalita fala sobre esse ponto e lembra que: “para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto, que viva o afeto. Ninguém dá o que não tem” (2004, p. 162). Falar de afeto nos parece um discurso muito bonito, mas muitos professores não o praticam, porque não se permitem sentir e demonstrar essa atitude tão nobre.

Dentre tanto outros fatores, um problema de relacionamento entre professor e aluno pode, por exemplo, afetar o processo de avaliação, já que alguns professores acabam permitindo que problemas pessoais influenciem suas decisões na hora de avaliar. O aluno acaba sendo injustiçado e desmotivado. Soma-se a isso o fato de que o ambiente fica tenso e nada propício para o ensino e a aprendizagem.

Utilizando o afeto no ato de ensinar, o professor transforma a escola num lugar acolhedor, que incentiva o aluno a se dedicar e buscar melhoras e avanços significativos a cada dia que passa. Segundo Chalita: “O professor é a referência, é o modelo, é o exemplo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será muito para o aluno com problemas” (2004, p.153).

É de grande valia para o aluno saber que tem um educador em quem pode confiar, se apoiar. Professores marcam a vida das pessoas, seja pelo bom trabalho realizado, pela mão amiga, ou por ter provocado traumas que jamais serão esquecidos. Cabe a cada educador escolher que tipo de impressão quer causar e que lembrança quer deixar aos tantos alunos que passarão pela sua vida. Acerca disto, Chalita nos faz refletir:

Quantos alunos relembram seus grandes mestres com uma saudade gostosa, de um tempo que foi importante em sua vida? E quantos há que se lembram com pavor e alguns mestres que só lhes criaram traumas, trouxeram medo e frustração? É preciso olhar os exemplos do passado para se construir um presente e um futuro melhores. Se cada professor conseguisse lembrar do tempo em que foi aluno, das marcas positivas e negativas, dos exemplos que eram para ser seguidos ou evitados, ajudaria muito a pensar em seu papel de educador (2004, p.154).

É preciso ter sensibilidade para compreender que o aluno que menos participa das atividades propostas, que é mais rebelde ou mais indiferente, na maioria dos casos, não age assim por não gostar de seu professor, mas sim por ser aquele que mais necessita de sua ajuda e atenção.

Muitos problemas de conduta que acabam afetando a aprendizagem são causados apenas por carências emocionais e podem ser resolvidos com um simples gesto afetivo do professor. Crianças que são repreendidas em sala de aula sem um motivo que faça sentido para elas, acabam acumulando mágoas que só fazem piorar seus problemas.

Isso não significa que não se devem impor limites. Estes são muito necessários, pois a vida é cheia de normas que precisam ser seguidas. A criança tem que ter limites em casa, na escola e na sociedade. Ser afetivo não significa deixar que o aluno faça o que quer para não magoá-lo, mas sim fazê-lo compreender o que é certo e o que é errado, avaliar suas atitudes, refletir, mas sem ser agressivo com as palavras.

Não se pode esquecer que de nada adianta dizer que alguma atitude está errada se não justificarmos o porquê, pois se o argumento não fizer sentido para a criança, ela simplesmente não dará importância.

A educação precisa ser construída tendo como base uma parceria afetiva entre professor e aluno e assim poderemos “embarcar” no sonho de Cury, ao dizer que:

Na escola dos meus sonhos cada criança é uma jóia única no teatro da existência, mais importante que todo o dinheiro do mundo. Nela, os professores e os alunos escrevem uma belíssima história, são jardineiros que fazem da sala de aula um canteiro de pensadores (2003, p. 155).

O desafio de educar está aí. Só nos cabe ter consciência de sua importância e não perder a esperança de que podemos sim ajudar a construir um mundo melhor e fazer com que as pessoas que passaram por nossas mãos também repitam essas atitudes com os demais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como em qualquer outra profissão, o professor deve amar o que faz e trabalhar com satisfação, não permitindo que problemas paralelos interfiram da sua atividade docente.

A questão salarial, por exemplo, muitas vezes é utilizada como pretexto para a falta de dedicação de alguns professores. Não se pode esquecer que o professor tem o direito sim de buscar um salário mais digno, mas não tem o direito de prejudicar os alunos por causa de sua insatisfação pessoal. Conforme afirma Chalita: “A sala de aula é um espaço sagrado em que o aluno merece ser valorizado e incensado pelo afeto e pelo saber” (2004, p.258).

A educação envolve não só professor e aluno, mas também a escola no todo, a família e a comunidade. O educador precisa dar o exemplo e fazer a sua parte. Chalita é convicto ao dizer que:

Professor que não gosta de aluno deve mudar de profissão. A educação é um processo que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa frutificar. Professores que não vibram com alunos são como pais que preferem os filhos afastados de si o maior tempo possível (2004 p. 152).

Os pais precisam repensar suas atitudes e responsabilidades na formação dos filhos. O diálogo é uma grande ponte entre ambos, e permite que as famílias se conheçam melhor e convivam com mais harmonia e união. Um dos maiores problemas existentes no mundo é a falta de diálogo, uma ferramenta tão simples que pode fazer uma grande diferença. Cury lança o questionamento: “Como é possível que pais e filhos vivam debaixo do mesmo teto por anos a fio e permaneçam completamente ilhados? Eles dizem que se amam, mas gastam pouca energia para cultivar o amor” (2003, p.42).

Já o professor precisa ter consciência da importância que tem perante uma comunidade e permitir que os alunos vejam a escola com uma extensão de seus lares e encontrem nele uma referência de afeto, para que possam ajudar a espalhá-lo em um mundo que hoje é tão carente do mesmo.

6 REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Questões da nossa época.)
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.
- CURY, Augusto J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- REVISTA NOVA ESCOLA. Edição Especial: Grandes pensadores. São Paulo: Abril, n.25, jul. 2009.
- TAILLE, Y. de L .; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.